

5.

O rapto ideológico

*São casas simples com cadeiras na calçada
E na fachada escrito em cima que é um lar*
Chico Buarque – Gente Humilde

Em *Clara dos Anjos*, lançado pela primeira vez em forma de conto em 1920¹, Lima Barreto aprofundou um tema recorrente em suas crônicas, a realidade de uma parte da capital brasileira que já “não interessava ao país conhecer”². Ao contar a história de uma mulata de família pobre do subúrbio carioca, que é seduzida pelo malandro galanteador Cassi Jones, Lima Barreto reúne vários temas importantes de sua carreira: o subúrbio carioca, as questões raciais, as diferenças de classe e a modernização do Rio de Janeiro no início do século XX.

A história de Clara dos Anjos, jovem abusada por um rapaz de família mais rica, já existia, entretanto, desde 1904. Em seu diário, Barreto relata, em janeiro de 1905, o interesse em compor uma saga que descreveria “a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Seria uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia”³. Tal narrativa, inspirada na obra *Germinal* de Emile Zola, lançada em 1885, não chegou a ser realizada, mas é possível traçar paralelos entre Clara e Catherine, entre o subúrbio carioca e a vila operária de Deux-Cent-Quarante, entre a alienação da sociedade brasileira em fins do século XIX – em suas tentativas de imitar a cultura europeia –, e o determinismo social imposto sobre os trabalhadores pela rotina alienante de uma mina de carvão.

¹ O romance *Clara dos Anjos* foi publicado pela primeira vez em 1920, sob a forma de conto, na coletânea *Histórias e Sonhos*, organizada por Lima Barreto (1881 – 1922). O autor não veria a primeira edição do livro, publicada postumamente, em 1948, pela editora Mérito. Antes, foi publicado como folhetim, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, na Revista Souza Cruz.

² RESENDE, Beatriz. *Em defesa de Clara dos Anjos*. Prefácio à edição da Editora Penguin & Companhia das Letras, de 2012, do livro *Clara dos Anjos*, página 16.

³ Manuscrito disponível em versão digitalizada da Fundação Biblioteca Nacional em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/intimo.html>>. Acessado em 20 nov. 2015.

Num dos trechos mais famosos de seu romance, Barreto descreve assim a região onde habitam seus personagens:

Mais ou menos assim é o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população da cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos. (Barreto, 2012, 187-188)

A descrição de Lima Barreto dialoga com o trecho de Gravneau selecionado por Benjamin citado anteriormente, que acentua o “desmoralizante espetáculo” das hordas obrigadas a deslocarem-se diariamente entre o local do trabalho e o de moradia. Assim também era a rotina dos mineiros de Marchiennes que, antes de serem arrebatados pela conscientização social e política que os levaria à greve narrada em *Germinal*, percorriam com apatia o caminho de suas casas para serem engolidos pela mina Voreux (voraz, em português):

Caminhavam balançando os ombros, sem saber o que fazer com os braços, que cruzavam no peito, enquanto, atrás, o farnel se transformara numa corcunda. Vestindo roupas leves, tiritavam de frio, mas nem por isso caminhavam mais depressa, dispersos ao longo da estrada, num tropear de rebanho. (Zola, 1972, 31)

Por diversas vezes Zola retoma a “resignação de rebanho” dos mineiros, tema recorrente em Lima Barreto. No subúrbio carioca, no entanto, as hipocrisias e vícios da sociedade brasileira impedem, sob o ponto de vista do autor, a germinação de uma consciência de classe. O poder alienante do futebol, do jogo e da música, somado à hipocrisia de uma sociedade que se pensa europeia a ponto de usar veludo em pleno verão tropical e que se contenta com títulos e cargos públicos, minam a possibilidade da população suburbana de ver as forças invisíveis do sistema patriarcal brasileiro, ainda vigente mesmo nas grandes cidades e que tinha ação ainda mais forte sobre as populações marginalizadas: as mulheres, os negros, os habitantes das franjas urbanas.

Em *Clara dos Anjos*, o personagem Leonardo Flores⁴ é o único que parece notar as idiossincrasias que permeiam a vida suburbana e ecoa um pouco da obstinação do personagem principal do romance de Zola, Étienne, que nota as injustiças impostas aos mineiros por seus chefes, quando esbraveja: “A vida é tão banal, tão chata... Nós somos também natureza; mas do que vale isto? Há os burgueses e os regulamentos que nos abafam...” (Barreto, 2012, 278). No subúrbio carioca, no entanto, os lampejos revolucionários eram proferidos por um louco, mais uma figura marginal para a longa lista de personagens deslocados de Barreto.

Se em *Germinal* o ambiente opressivo e desumanizante estava unicamente relacionado à questão do trabalho e das discrepâncias sociais que fomentaram os primeiros movimentos de classe na Europa, em *Clara dos Anjos* também a imposição da ordem urbana moderna informa esses personagens.

Assim como na reforma de Haussmann, o subúrbio carioca nasceu da racionalização da área central da cidade, urbanização que Henri Lefebvre descreve, em 1969, como “desurbanizante e desurbanizada”. Longe da vida urbana, mas ainda dependente dela, esses grupos foram impedidos de vivenciar e experimentar a cidade, o que, segundo Henri Lefebvre, tornou o processo de suburbanização algo intrinsecamente político, usado pelas camadas dominantes como forma de segregar os trabalhadores e diminuir seu poder de sublevação:

Afastado da Cidade, o proletariado acabará de perder o sentido da obra. Afastado dos locais de produção, disponível para empresas esparsas a partir de um setor de habitat, o proletariado deixará de esfumar em sua consciência a capacidade criadora. A consciência urbana vai se dissipar. (Lefebvre, 1969, 22)

Tal noção é reforçada pelas reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro, que “tiram do caminho” as populações menos abastadas, movendo-as para regiões mais distantes, fato retratado diversas vezes por Barreto, que deixava clara a aceção excludente da modernidade na República Velha. Na obra de Barreto, os arrabaldes deixam de ser associados somente a um estilo de vida “semi-campestre”

⁴ Lilia Moritz Schwartz e Pedro Galdino apontam uma semelhança entre o personagem do poeta Leonardo Flores e a pessoa de Lima Barreto. Flores, assim como o irmão (no caso de Barreto, o pai), eram diagnosticados com loucura, sendo o consumo de bebidas alcólicas identificado como o principal causador da condição. Em seu *Diário do hospício*, Barreto indagou: “Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?”. É interessante notar que também Étienne, personagem principal no romance de Zola, que inspiraria *Clara dos Anjos*, lutava com os demônios do alcoolismo dos pais.

e ganham contornos urbanos, além de deixarem de ser retratados por seu bucolismo, como eram até finais do século XIX. Essa mudança notada por Barreto condiz com as transformações trazidas pelas renovações urbanas para a relação entre a cidade e seus subúrbios no caso carioca. Em *Lucíola* (1862), por exemplo, José de Alencar compõe um romance dito urbano, mas onde boa parte da trama se desenrola em floridos quintais. A residência do personagem Sá, por exemplo, é assim descrita:

A sua casa de moço solteiro estava para isso admiravelmente situada entre jardins, no centro de uma chácara ensombrada por casuarinas e laranjeiras. Se algum eco indiscreto dos estouros báquicos ou das canções eróticas escapava pelas frestas das persianas verdes, confundia-se com o farfalhar do vento na espessa folhagem; e não ia perturbar, nem o plácido sono dos vizinhos, nem os castos pensamentos de alguma virgem que por ali velasse a horas mortas. (Alencar, 1988, 21)

A escolha de Alencar para assim descrever a casa de Sá remete a uma peculiaridade da ocupação urbana carioca. Conforme apontou Flávio Villaça no livro *Espaço intra-urbano no Brasil* (2001), a elite carioca foi, durante muitas décadas, “urbana sem morar na cidade”. A aristocracia da cidade escolheu viver, durante o século XIX, em regiões distantes do centro da cidade, como Gávea e Alto da Boa Vista.

O censo de 1838 acusou uma população ‘suburbana’ de 39.916 habitantes, uma cifra muito alta. É de se notar que o pioneiro uso da expressão *suburbana* (grifo do autor) reflete bem o conflito entre uma localização totalmente fora da cidade da época – como as freguesias de São Cristóvão, Engenho Novo, Gávea, Ilha do Governador, etc – e ao mesmo tempo o caráter urbano da população. (Villaça, 2001, 165)

Segundo Villaça, foi só quando a praia deixou de ser considerada suja e o hábito do banho de mar popularizou-se, que a região litorânea da cidade passou a ser privilegiada em detrimento das chácaras nas serras e subúrbios cariocas. A decadência de São Cristóvão e vizinhanças em finais do século XIX, região progressivamente abandonada pelas camadas de alta renda em detrimento da orla oceânica marca uma mudança social mais ampla que, de acordo Villaça, alterou os valores e modos de morar das elites (2001, 172) e, conseqüentemente, influenciou as formas de habitar populares.

Fora da orla, as camadas de mais alta renda permaneceram um pouco mais apenas na Tijuca. Esse bairro, no entanto, foi ficando isolado, “longe”. É por sinal, um bom exemplo de como as classes sociais de mais alta renda produzem o perto e o longe. A Tijuca, enquanto localização, e como qualquer localização, não *era* longe mas *tornou-se* longe. (Villaça, grifos do autor, 2011, 173)

Ao mesmo tempo em que mudava o significado de perto e longe, era definido um novo conceito para o que seria, a partir de então, identificado como o “subúrbio carioca”. Barreto, em outra de suas obras, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909), reforça a decadência do estilo aristocrático dos arrabaldes da cidade, que já perdiam as características narradas por José de Alencar:

O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de curadouro. Da chácara toda, só ficavam as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes faziam aos ricos que ali tinham habitado. (Barreto, 1995, 88)

O crescimento da região que, em seus pontos mais distantes ainda possuía características rurais nas descrições de Lima Barreto, se deve, principalmente, a dois fatos: o aumento, a partir de 1870, do número de bondes e trens suburbanos que atendiam a Estrada de Ferro D. Pedro II (atual Central do Brasil) e as reformas urbanas promovidas no início do século XX. As linhas da Cia Ferro-Carril Vila Isabel até Jacarepaguá, Engenho de Dentro e Cachambi, construídas em 1875, 1879 e 1880, respectivamente, atendiam os assentamentos além da estação Engenho Novo. A Cia Ferro-Carril Cachambi, por sua vez, tinha como centro o Méier e servia, ainda, as freguesias de Inhaúma, Engenho de Dentro, Boca do Mato, Todos os Santos e Cachambi. Segundo Nelson da Nóbrega Fernandes:

As companhias de bondes penetraram largamente o território do subúrbio ferroviário do século XIX, através de uma rede integrada pelas linhas das diferentes empresas que, em alguns pontos bem visíveis como o Engenho Novo, o Méier e Cascadura, se conectavam com a ferrovia. [...] A partir desse momento começou a ser estruturado um padrão espacial de urbanização construído por uma rede de transportes associando o trem e o bonde, que se expandiu, foi modernizada e imperou nesta parte da cidade até a Segunda Guerra Mundial e o advento do rodoviarismo. (2011, 103)

Comparado ao centro da cidade, com suas ruas tortuosas, cada vez mais atingidas por epidemias, os subúrbios atraíam os setores médios da população por sua rica rede de transportes e a salubridade das terras e ares. A construção do bairro de Vila Isabel, em 1872, foi “possivelmente, o primeiro empreendimento mobiliário moderno do Rio de Janeiro e do país, idealizado como um subúrbio de chácaras” (Fernandes, 2011, 103)⁵.

⁵ Anos mais tarde, tal ainda era o perfil populacional do bairro, berço de Noel Rosa. Nascido em 1910, de uma família de classe média, Noel Rosa cantaria as benesses desta freguesia, eternizada em o “Feitiço da Vila” (1934) como bairro onde “não tem cadeado nos portões por que na vila/ Não tem ladrão”. O artista, responsável por apresentar às camadas mais abastadas o ritmo até então

Se, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, o subúrbio não passa de uma região da cidade que se expande, no romance de Lima Barreto, o mesmo é retratado num minucioso panorama, expondo toda a multiplicidade racial e social, além das nuances do cotidiano suburbano na virada do século. Apesar de descrever a região como o “refúgio dos infelizes”, ao longo do romance Barreto contrapõe as casas simples e a gente humilde do trecho citado anteriormente com outros tipos que habitavam o subúrbio.

O próprio Cassi Jones e sua família são alvo do sarcasmo do autor, que os descreve como herdeiros de uma aristocracia de nobreza questionável. Em *Clara dos Anjos*, é possível notar que a desigualdade social estava presente não só nos diferentes tons de pele dos habitantes, mas também em uma hierarquia imobiliária. Os vestígios de um passado outrora nobre de certos subúrbios cariocas foram, na época de Barreto, apropriados pela classe média suburbana, composta por “funcionários de pequena categoria, chefes de oficina, pequenos militares, médicos de fracos rendimentos, advogados sem causa etc”⁶.

Enquanto isso, no centro da cidade, ao narrar em “Sono Calmo” (1904) uma “excursão” a um cortiço na rua da Misericórdia, João do Rio⁷ pinta um retrato da miséria que se abatia sobre certas regiões centrais do distrito federal:

Às esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar e, afundando o olhar pelos becos estreitos em que a rua parece vazar a sua imundície, por aquela rede de becos, víamos outras lanternas em forma de foices, alumando portas equívocas. (2008, 175)

Dentro dos prédios antigos e sobrados, “covis horrendos, trágicos asilos da miséria” (2008, 175), o *petit comité* que acompanhava João do Rio encontraria uma realidade que já se espalhava também pela Gamboa, outras ruas centrais e pela Cidade Nova:

Parecia que todas as respirações subiam, envenenando as escadas, e o cheiro, o fedor, um fedor fulminante, impregnava-se nas nossas próprias mãos desprendia-se das

popular do samba, ainda ironiza a relação subúrbio versus centro, em outra canção de 1934, “Voltaste pro subúrbio”: “Voltaste/ Para mostrar ao nosso povo/ Que não há nada de novo/ Lá no Centro da cidade”.

⁶ “Esta minha letra”, in: *Gazeta da Tarde*, 28 de junho de 1911.

⁷ João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881 — 1921), foi jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo. Grande observador urbano, retratou as mudanças pelas quais o Rio de Janeiro passava no início do século XX.

paredes, do assoalho carcomido, do teto, dos corpos sem limpeza. Em cima, então, era a vertigem. A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos. (2008, 179)

Tal relato, com sua adjetivação contundente e cadência veloz, já antevia os novos ritmos da metrópole, mas contrasta com as crônicas de Paulo Barreto do período após a finalização da reforma urbana, que mostram uma cidade moderna, “vertiginosa”. Tal era a contradição carioca no início do século. Capital do império, a cidade ainda tinha, até finais do século XIX e início do século XX, características provincianas. O crescimento populacional criou, no centro histórico, bolsões de pobreza. As famílias com condições buscavam a tranquilidade e salubridade dos arrabaldes: Glória, Flamengo, São Cristóvão. Com a reforma urbana, os pobres, imigrantes e outros indesejados que habitavam o Centro, foram expulsos dali para os subúrbios, que, desde então, ganharam uma conotação pejorativa. Ser “suburbano” passa, então, a ser associado a uma categoria social inferior:

Do lat. Suburbanu. Adj. 1. Pertencente ou relativo a subúrbio. 2. Que mora em subúrbio. 3. Bras. Deprec. Que tem ou revela mau gosto. S.m. 4. Aquele que mora em subúrbio. 5. Bras. Deprec. Indivíduo suburbano. (Aurélio Eletrônico, Versão 3.0, 1999)

1. Relativo ou pertencente a subúrbio. adjetivo e substantivo masculino; 2. Que ou aquele que vive em subúrbio; 3. derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo. Que ou aquele que é pouco refinado, que revela ou tem mau gosto; saquarema, cafona, brega (Houaiss Eletrônico, 2000)

Tais características Barreto descreve em Casi Jones, para quem, “onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e seu valimento” (Barreto, 2012, 256). Na cidade,

[...] ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias [...] olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa nenhuma. (Barreto, 2012, 256 e 257).

É interessante perceber como, já no início do século XX, a Central do Brasil passa a marcar a divisão entre cidade e subúrbio. Assim como no trecho acima, tal imagem é utilizada também no filme *Rio, Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos,

lançado em 1957. O filme narra a trajetória do sambista Espírito da Luz Soares, interpretado por Grande Otelo. Morador da Zona Norte do Rio, ele tenta ganhar a vida vendendo suas composições para cantores famosos. Logo na cena inicial, a câmera mostra pessoas caminhando na Avenida Presidente Vargas até a Central do Brasil. A partir da estação, já dentro do trem, o espectador percorre os bairros da Zona Norte do Rio até se deter na imagem de Espírito caído entre os trilhos da ferrovia no trecho de Engenho Novo, quando, em uma série de flashbacks, será possível conhecer os fatos que o levaram até ali. Na época, o filme foi criticado por generalizar a imagem da “Zona Norte” como favelizada, crítica rebatida por Nelson Pereira dos Santos como não tendo sido sua intenção. Tal imagem, no entanto, se já não era o traço principal do imaginário social da Zona Norte, viria a se tornar mais tarde. Tal imaginário é acentuado após a construção da Avenida Presidente Vargas, concluída em 1944, mas já era presente no início do século com a reforma de Pereira Passos. A materialidade dessa divisão está na existência de uma estrutura urbana bem mais refinada da Central em direção à atual Zona Sul, passando pela Rua Direita, atual 1ª Março, que contrasta com as planícies inundáveis ou repletas de areais da região que se estendiam além da Central do Brasil em direção à baixada.

De forte influência francesa, as obras realizadas pelo Presidente Rodrigues Alves e pelo Prefeito da cidade, Pereira Passos, marcaram o princípio dessa divisão na cidade e tinham como objetivo, segundo apontou André Nunes de Azevedo, Doutor em História Social da Cultura, melhorar a imagem, a sanidade e a economia da capital federal⁸, a fim de facilitar a imigração de estrangeiros para o Brasil. Para isso, o processo de saneamento da capital foi diretamente relacionado ao de melhoria do porto, que faria do Rio a principal porta de entrada para o país. Capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, conforme afirmou Rodrigues Alves em seu Manifesto Inaugural: “não pode continuar a ser apontada como sede de vida difícil, quando tem fartos elementos para constituir o mais notável centro de atração de braços, de actividades e de capitaes nesta parte do mundo”⁹.

⁸ AZEVEDO, André Nunes. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. In: Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-agosto, 2003.

⁹ Discurso de posse disponível no site Biblioteca da Presidência da República: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves/Discursos/Rodrigues%20Alves%20-%20Manifesto%20Inaugural%201902.pdf/at_download/file>. Acessado em: 2 mai. 2015.

O processo de higienização e modernização da região central mudou não somente a forma urbana, como teve grande impacto social. Um desses efeitos foi, como apontou Maurício de A. Abreu, em *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, o surgimento de novas contradições do espaço urbano. Expulsos dos cortiços do centro da cidade - revitalizado para corresponder aos desejos modernizantes da época -, os moradores se juntavam aos recém-chegados à cidade no subúrbio ou nas primeiras favelas do Rio de Janeiro. No período, as freguesias suburbanas mais próximas ao Centro, como Engenho Novo e Inhaúma, apresentaram taxas de crescimento de 126% e 293%, respectivamente, enquanto as freguesias centrais diminuíram ou tiveram crescimento sensivelmente menor do que o restante da cidade. Na Candelária, por exemplo, a população residente diminuiu 54% de 1890 para 1906, período que coincide com o processo de “haussmanização tropical” pela qual passava a cidade (Abreu, 2006, 67).

É a partir de então que os modos de vida suburbanos passam a ser associados, na cidade do Rio, ao atraso. Conforme expõe Renato Cordeiro Gomes em *Todas as Cidades, a Cidade*, para que a ordem e o progresso civilizatórios fossem encenados, fazia-se necessária a remodelação da cidade (2008, 113). Mais do que a transformação física do espaço urbano, a modernidade foi imposta no nível simbólico, na criação de “uma nova mitologia urbana”.

Olavo Bilac, grande defensor das reformas de Pereira Passos, escreveria na sofisticada Revista Kosmos:

Devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão bárbara como esse ano. (...) todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate. Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbados urravam, me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada... ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! Acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da *urbs* (...) talvez daqui a alguns anos a orgia da penha desapareça, como desapareceu o entrudo, e como desapareceram tantas outras festas bárbaras que se escudavam na implacável e insuportável tradição (Bilac, 1906).

O anacronismo entre o centro da *urbs*, recém-modernizada, e a permanência das tradições populares nos confins da cidade, mostram o início de uma divisão conceitual entre “subúrbio” e “subúrbio carioca”. O geógrafo Nelson da Nóbrega Fernandes argumenta que apesar da realidade suburbana ter mudado desde o surgimento dos primeiros subúrbios ferroviários da cidade, o “conceito carioca” desse espaço sobrevive nos mais variados discursos (Fernandes, 2011, 160). O rapto ideológico pelo qual ele teria passado no início do século XX trata-se de uma imagem de Henri Lefebvre e se refere ao “processo de mudança abrupta e repentina do significado das categorias” (Fernandes, 2011, 47).

Os esforços governamentais para a criação de uma nova identidade para a capital do país, pautados pelos investimentos em infraestrutura nas regiões centrais da cidade e subsequente expansão para a Zona Sul, não foi replicado no subúrbio. Essa dicotomia, que vai além da “cidade partida”, já era observada por Lima Barreto em *Clara dos Anjos*:

O Rio de Janeiro, que tem, na frente, na parte anterior, um tão lindo diadema de montanhas e árvores, não consegue fazê-lo coroa a cingi-lo toda em roda. A parte posterior, como se vê, não chega a ser neobarbante que prenda dignamente o diadema que lhe cinge a testa olímpica... (2012, 191)

No palco ilusionista criado para representar os tempos modernos (Gomes, 2008, 113), a imagem de uma incompatibilidade da frente (cena) com a parte posterior da cidade (até hoje fora de cena, ou como colocou Renato C. Gomes, obscena), separada pelo maciço da Tijuca, ecoa até os dias de hoje. Chico Buarque, assim diz na letra de “Subúrbio”, do CD *Carioca*, lançado em 2006: “no avesso da montanha, é labirinto/ é contrassenha, é cara a tapa”, espaço que não tem “brisa”, “verde-azuis”, nem mesmo “figura no mapa”.

Se “o plano da cidade ideal é a referência para a cidade real” (Gomes, 2008, 116), a permanência até os dias de hoje do imaginário criado a partir do projeto modernizante da cidade deixa clara a assimetria entre essas duas cidades que coexistem no Rio de Janeiro. Enquanto na “Cidade Maravilhosa” – termo cunhado pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès, apropriado pelo discurso oficial da República e eternizado pela marchinha de carnaval de André Filho, em 1935 –, estão a razão, a beleza e a lei, escondida pelo maciço da Tijuca encontra-se sua

contrassenha. Ou, como colocou Pedro Gomes no artigo “Dois mundos opostos do Rio”, publicado na Revista *O Cruzeiro* de 1953:

Nos dois mundos antagônicos do Rio se forjaram dois estilos de vida totalmente diversos. Aqui não falamos, é claro, de meio termo, mas do que são, caracteristicamente, a ‘zona sul’ e a ‘zona norte’. A zona sul, que começa propriamente no Flamengo, é a civilização do apartamento, e das praias maliciosas, do traje e dos hábitos esportivos, da ‘boite’ e do pecado à meia-luz, dos enredos grã-finos, do ‘pif-paf’ de família, dos bonitões de músculos à mostra e dos suculentos brotinhos queimados de sol, dos conquistadores de alto coturno e de certas damas habitualmente conquistáveis, do ‘short’, do blusão e do ‘slack’, dos hotéis de luxo (e de outros de má reputação) e dos turistas ensolarados. O Rio cosmopolita está na zona sul, onde uma centena de nacionalidades se tropicalizam à beira das praias. A zona norte é Brasil 100%. A gente mora largamente em casa (muitas vezes com quintal) e a casa impõe um sistema diferente de vida, patriarcal, conservador. Vizinhaça tagarela e prestativa. Garotos brincando na calçada. Reuniões cordiais na sala de visitas. Solteironas ociosas e mocinhas sentimentais analisando a vida que passa debaixo das janelas. Namoro no portão, amor sob controle – para casar. Festinhas familiares, de fraca dosagem alcoólica. A permanente compostura no traje, ajustada com o do procedimento. Paletó e gravata. Mais ‘toilette’ que vestidos, mais área coberta nos corpos femininos. Vida mais barata. Empregada de 300 réis. Menos água, mais calor. Diversão pouca, nada de ‘boite’ e ‘night-clubs’. Noite vazia de pecados e de passos boêmios e sortilégios. Vida menos agradável aos homens, mais abençoada pelos santos. Zona sul - zona norte, paraíso e purgatório do Rio. Sair do purgatório e ganhar o paraíso é aspiração de quase todos. Há quem prefira, sinceramente, a vida provinciana dos bairros e subúrbios do norte. Para muitos, a zona sul não é o paraíso, mas o inferno da perdição, onde Copacabana dita a imoralidade, o aviltamento dos costumes, a frivolidade e a boemia. (Gomes, 1953, 45).

Os dois “Brasis” presentes na cidade do Rio de Janeiro são o Brasil que se pretende cosmopolita – representado pela Zona Sul - e o Brasil arraigado, suburbano, do qual o governo e a população queriam se distanciar. Não surpreende que este outro Brasil tenha tido pouco destaque na produção cultural que representava a cidade durante o período. A imagem da “vida mais barata”, do provincianismo suburbano não estava alinhada à modernidade a que a cidade – e o país – queriam se associar.

Nelson Rodrigues (1912 – 1980), morador da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, dizia: “Cada vez que eu atravesso o túnel Rebouças sinto uma enorme saudade do Brasil”. Ainda hoje, em 2015, quando comemora-se os 450 anos do Rio de Janeiro, surpreende a pouca representatividade do subúrbio nas mostras fotográficas que se multiplicam pela cidade, como se esse espaço não fizesse parte

da cidade maravilhosa – e esta, desde o início do século XX presa a um sonho modernizante, cosmopolita e civilizante –, negasse seu pertencimento ao Brasil.

Ocupada pela população operária e de poder aquisitivo mais baixo, a Zona Norte¹⁰ parece ter sido suprimida da memória oficial da cidade, esta identificada muito mais com a Zona Sul e o Centro. O subúrbio seria a resistência de uma “obscena” que se impõe à cena criada pelo plano modernizador imposto à cidade no início do século XX. Suas expressões culturais não passariam de “desordens” que escancaram as assimetrias da cidade real. Conforme colocou Renato C. Gomes sobre a crônica de Bilac citada anteriormente:

O texto encena a barbárie dos romeiros para expulsá-la do cenário civilizado. Seu espaço deveria ser a obscena dos subúrbios, os bastidores que o público deve emocionalmente negar. (2008, 118)

Escrevendo para uma revista voltada para as camadas mais altas da sociedade carioca de então, sendo ele mesmo um entusiasta das reformas instituídas pelo governo Federal, Bilac ajudou a escrever a cidade das letras, no sentido proposto por Ángel Rama e Renato Cordeiro Gomes. Como apontou Maurício de Abreu, a forma com que a memória da cidade é formada relaciona-se às assimetrias sociais e relações de poder:

Como bem lembrou Le Goff (1990), as classes sociais mais poderosas não apenas construíram objetos mais duráveis, como foram também as criadoras das próprias instituições de memória, não raro estabelecidas exatamente para guardar as lembranças que aqueles que se encontram nessas instituições, e que são também invariavelmente utilizados como fontes ou atestados de “memória urbana”, são eles também expressões de poder. Como afirmou Foucault (1969), os documentos não são uma matéria-prima objetiva. Eles expressam também o poder na sociedade sobre a memória e sobre o futuro. (Abreu, 1998, 15)

De acordo com a geógrafa Maria Therezinha Segadas Soares, no Rio de Janeiro o termo subúrbio, espaço que se confunde com a “Zona Norte”, não esteve associado à questão rural. Pelo contrário, ganhou um sentido depreciativo, associado tanto às regiões com recursos financeiros mais limitados, mas também a um certo gênero de vida peculiar, *suburbano*. Entre os cariocas, o termo não se

¹⁰ Região que abrange os bairros de Ilha do Governador, Manguinhos, Inhaúma, Tomás Coelho, Del Castilho, Higienópolis, Méier, Piedade, Abolição, Engenho de Dentro, Pilares, Encantado, Engenho Novo, Lins de Vasconcelos, Sampaio, Rocha, Jacaré, Cachambi, Cavalcanti, Engenheiro Leal, Cascadura, Quintino, Jacarezinho, Complexo do Alemão, Complexo da Penha, São Francisco Xavier, Riachuelo, Todos os Santos, Água Santa, Maria da Graça e Engenho da Rainha (Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro).

bastaria na sua descrição administrativa e espacial, que caracteriza a região em relação a sua dependência à cidade central e à decrescente densidade espacial.

Segundo Soares, em ensaio do livro *Rio de Janeiro: Cidade e Região* (1990):

A palavra subúrbio, no Rio de Janeiro, se já era usada antes da existência do transporte ferroviário para pequenas distâncias, isto é, do transporte suburbano, para denominar certas áreas da periferia urbana, só se consagrou e se fixou na linguagem popular quando foi utilizada para denominar determinada área de expansão da cidade, servida por trens com várias viagens diárias, que traziam as pessoas para trabalhar na cidade. A idéia de utilização do transporte ferroviário diário ficou indissolúvelmente ligada à palavra subúrbio. Hoje, apesar da insuficiência desse meio de transporte e da utilização, em ritmo cada vez maior, no transporte rodoviário, no conceito popular carioca, onde não há trem, não é subúrbio (como é o caso de Jacarepaguá). Entretanto, áreas servidas pelo trem, mas onde a paisagem está totalmente urbanizada, como no Méier, em Cascadura ou Madureira, reluta-se sem abandonar a designação subúrbio. (Soares, 1990, 141)

A tese de Soares se confirma ao observar a distinção entre “arrabalde” e “subúrbio”. Apesar de serem sinônimos, os termos ganharam conotações distintas no sentido social carioca. O primeiro, conforme apontou El-Kareh (2010), era a denominação dos lugares que se distinguiam pela exuberância da natureza, bucolismo e pelo aspecto mais saudável do ambiente, sendo um espaço aprazível para morar e passear, como foram chamados os primeiros subúrbios, mais próximos do centro e nobres: Glória, Flamengo, Botafogo, São Cristóvão. O segundo, por sua vez, era associado aos bairros ao longo das linhas férreas, ocupados por classes mais baixas e sem grande atenção do Estado (*apud* Santos, 2013, 35).

Tal imagem foi reproduzida pelos decretos de zoneamento da cidade, que, desde o início do século se referiram, repetidas vezes, a uma parte da Zona Norte abrangida pelas linhas férreas que partem da Central do Brasil como de zona suburbana.

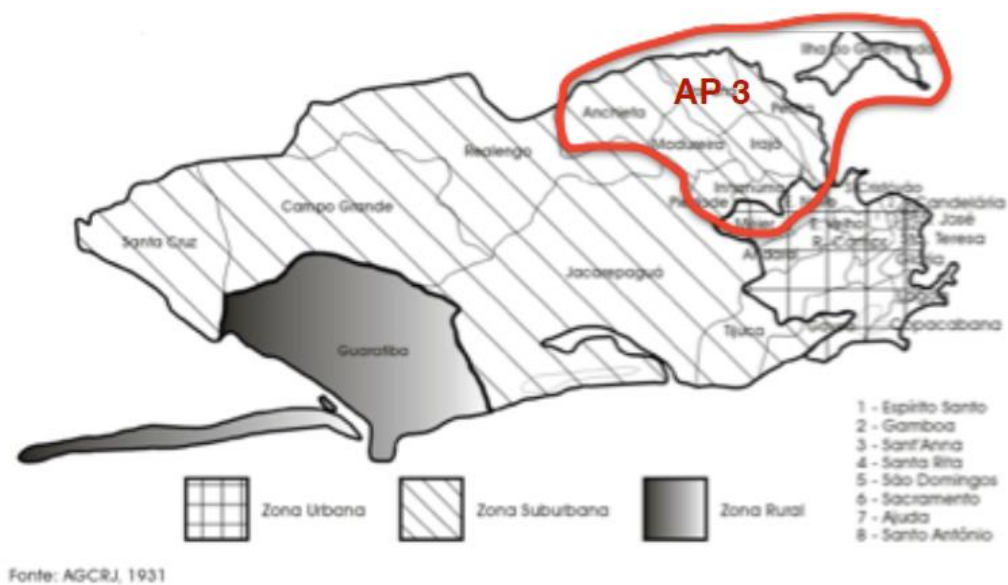


Figura 2 – Mapa de zoneamento do Decreto 1.185/1918. Fonte: AGCRJ, 1931, *apud* Santos, 2012, 21.

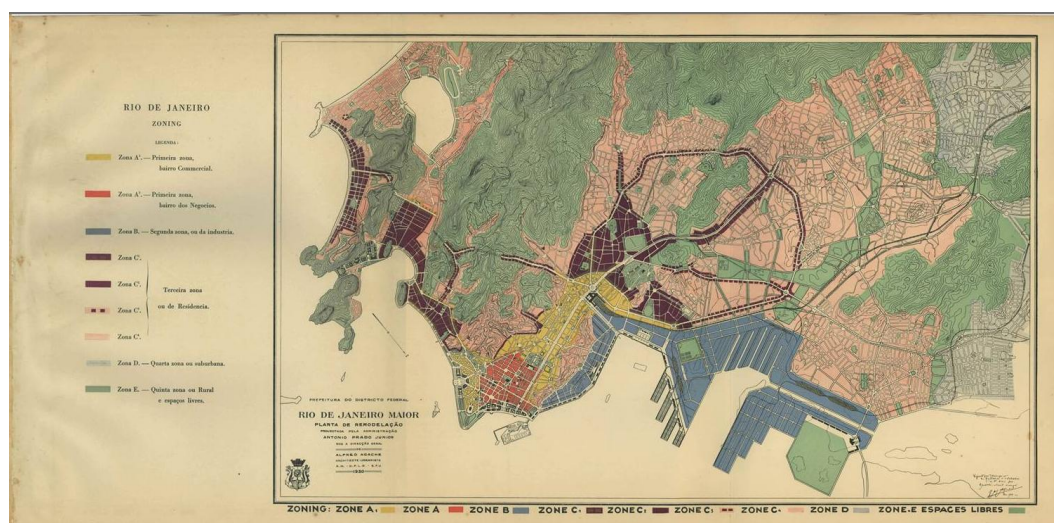


Figura 3 – Zoneamento do Plano Agache, 1930. Em azul claro, a Zona D, suburbana.

